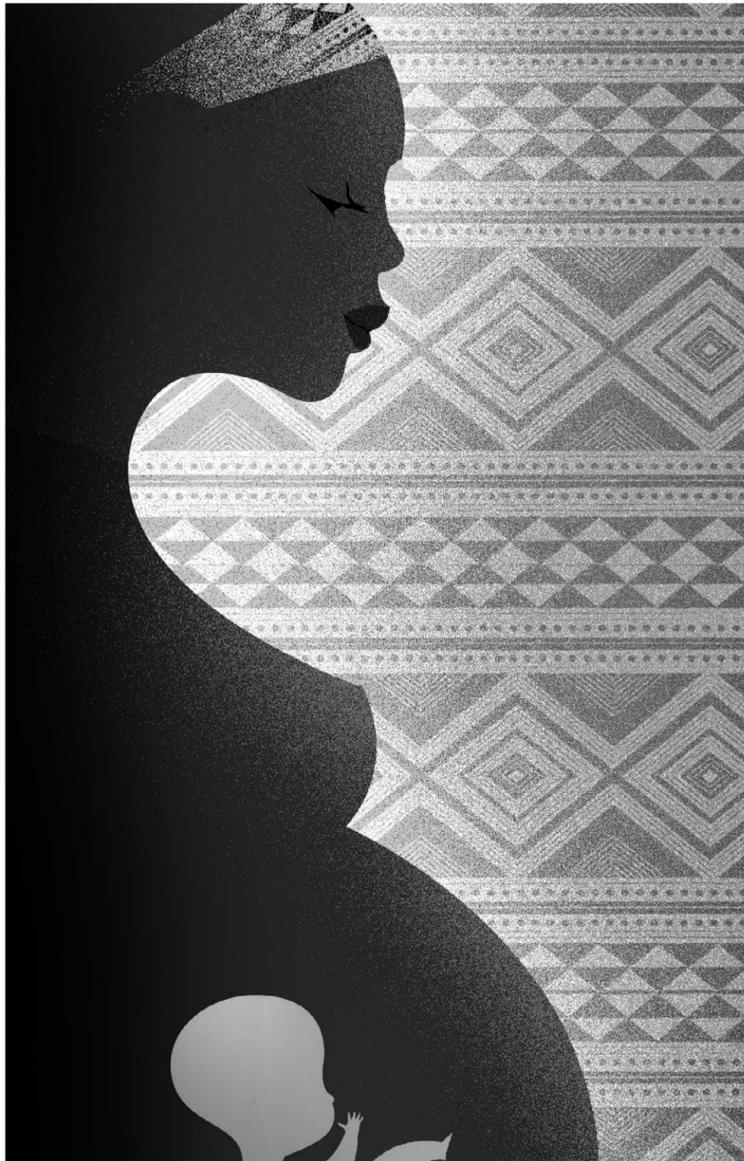


Mulheres negras e maternidade

» ROSILENE COSTA
Mãe, professora e pesquisadora



Ainda hoje, muitas pessoas brancas se justificam como não racistas dizendo que têm uma mãe preta, geralmente, uma mulher que assumiu os cuidados da pessoa na infância. A mãe preta não era exatamente a profissional babá. Na maior parte dos casos, era uma mulher negra que assumia multitarefas nos cuidados de uma criança branca. Assim, a mãe preta permeia o imaginário brasileiro. Bondosa, pouco letrada, hábil na cozinha e sempre disponível.

Ao mesmo tempo, também está no imaginário a mãe preta irresponsável. Estamos falando da mãe preta daquela família desajustada, na visão de alguns, pois é chefiada por uma mulher. Em grande parte dessas famílias, a mulher sai para trabalhar e, como não há vagas em creches, ela deixa os filhos sozinhos ou com quem puder cuidar.

As vivências do cotidiano fazem com que os filhos dessa mãe preta, muitas vezes, apresentem dificuldades na vida escolar. Ela é chamada na escola e não vai, porque não pode faltar ao trabalho, então, é vista como desinteressada.

Quando os filhos dela se tornam adolescentes, a mãe preta, algumas vezes, é briguenta, porque quer mantê-los em casa. Ela teme a violência policial que mata e fere jovens negros em proporção quatro vezes maior do que jovens brancos. O medo da violência sexual surge, pois as meninas negras são 55% das vítimas de violência sexual no Brasil.

Assim, a mãe preta bondosa e sempre disponível das pessoas brancas acaba contrastando com a mãe preta negligente e beligerante das crianças negras.

Todos esses dados sempre fizeram parte de minha história e de meus estudos de professora e pesquisadora. Contudo, aos 41 anos de idade, a maternidade chegou para mim. Passei a sentir na pele o que as mães pretas vivem.

Meu filho nasceu em um hospital público. Busquei o pré-natal também na rede pública. Foi quando senti as primeiras mazelas do racismo. Uma mulher negra de 41 anos que nunca havia engravidado e que havia planejado a gravidez destoava da narrativa habitual. Assim, já no pré-natal, a violência obstétrica estava instalada: julgamentos, desconfianças e informações nunca oferecidas. O privilégio de ter passado alguns anos nos bancos escolares minimizou meu sofrimento pessoal, mas a estrutura racista estava ali no sistema de saúde.

Meu filho nasceu e, para encontrar pares, busquei grupos de mães nas redes sociais. Percebi que as narrativas da mãe preta bondosa e da mãe preta negligente também estavam ali. A maior parte das mulheres brancas com bebês recém-nascidos gozava de uma licença-maternidade maior, seja por trabalharem em locais que oferecem 180 dias de licença, seja por disporem de outras licenças que poderiam ser usadas. Ao mesmo tempo, algumas podiam abrir mão dos seus trabalhos para ficar com os filhos e, se não o faziam, contratavam babás (quase sempre negras) ou pagavam boas creches.

As mães negras, em sua grande maioria, voltavam ao trabalho após 120 dias. Não dispunham de vagas em creches, nem de babás especializadas. Lembro de uma mãe que deixava seu bebê de quatro meses com a bisavó de 79 anos e com movimentos limitados. Muitas acabavam desmamando seus filhos e ofertando mamadeira, sendo julgadas como descuidadas, logo ali nos primeiros dias da maternidade. Oferecer mamadeira não era descuido, mas

ausência de informação no pré-natal, geralmente seguida de falta de condições de amamentar, tirar leite e ainda trabalhar no dia seguinte. Outra vez, a mãe preta bondosa (e a ama de leite agora) contrastava com a mãe preta negligente.

Vivemos o fenômeno das influenciadoras digitais que falam de maternidade real — narrativas válidas e importantes. Influencers negras também vêm se destacando. Apesar disso, a representação estereotipada da mãe preta ainda é forte no imaginário brasileiro.

As políticas de saúde e educação precisam olhar para a população negra, especialmente para as mulheres. A maternidade deve ser uma opção da mulher. Decidida pela maternidade, ela deve ter

informações e condições mínimas para parir e cuidar do bebê.

A estrutura social, a pobreza e o papel dos homens na criação dos filhos devem ser considerados quando se rotula uma mãe como negligente. A violência, inclusive a policial, deve cessar para que as mães pretas tenham paz quando os filhos saírem de casa.

Precisamos olhar com mais empatia para a mãe preta de nossos dias, pois ela está lutando com as armas que tem contra um sistema patriarcal, machista e racista. Sistema que faz com que a mulher negra possa ser assimilada se estiver dentro do estereótipo de servidão e que a representa pejorativamente quando ela decide cuidar de seus filhos e construir os seus próprios afetos.

Brasília, uma experiência pessoal

» MAURÍCIO MELO JÚNIOR
Jornalista e escritor

Cheguei no tempo da seca, julho, com céu claro, sem nuvens, e o frio cortando a pele. O cerrado desenhado em cores ocres lembrava o agreste nordestino. Um horizonte aberto para todas as bandas da Terra. Havia uma cerimônia de adeus. O papa João Paulo II deixava a cidade. Brasília oferecia uma proximidade não íntima com o poder. À nossa mão ficavam os candangos circulando pela Rodoviária. Essa era a vida.

Comecei a entender a proximidade remota com o Poder nos primeiros instantes. Tudo era estranho e íntimo. Ruas imensas e largas, arborizadas, se estendiam no infinito. Havia a utopia de uma cidade marcada pela igualdade social. Era começo da década de 1980, a urbe tinha 20 anos, eu 18, e o país vivia uma ditadura, mas rasgos de liberdade eram possíveis, como caminhar à noite nas ruas desertas. Voltando de um bar, no longo da noite, encontrei na encruzilhada da W3 Norte com a via N2 um despacho de macumba. Tinha o necessário para servir ao santo: bebida, cigarro, comida, flores e outros objetos ritualísticos. Segui.

Apreendi que Brasília não tinha esquinas. Sem esquinas não se faz encruzilhadas. No entanto, diante de mim se postou o cruzamento de dois caminhos. O gesto da cruz, dois eixos que se cruzam em linha reta, a encruzilhada que fez nascer o Plano Piloto, ensinou Lúcio Costa, e também nosso sincretismo.

Riobaldo, o mítico herói de Guimarães Rosa, defendia o muito rezar e frequentava todas as

religiões: “bebo água de todo rio”. Aqui se bebe água de todo rio. Não somos obrigados a crer, mas os templos, pontos de reflexão, estão abertos. A serenidade da Catedral, a placidez da Igreja de Dom Bosco e o regaço da igreja de Nossa Senhora de Fátima nos oferecem mansuetude necessária à introspecção. Por natural, tendemos à quietude, a olhar o horizonte e buscar os caminhos que nos livram da angústia, mesmo aos ritmos da cidade: rock, rap, forró. Vivendo as contradições, colhi lições.

Amadurecemos juntos, eu e a cidade. Éramos jovens e imaturos. Acreditávamos viver à margem do feliz. A vida, no entanto, nos mostrava ter algo além do céu intenso. Vencer, respirar eram condicionantes que nos tiravam da contemplação. Sem saber, estávamos presos ao destino dos pioneiros, tínhamos pressa e pouco tempo. A cidade ainda se construía e íamos com ela. Nos apossávamos de suas Asas. Gritávamos por eleições diretas, direito ao voto, construir o futuro com as unhas, mas tudo se frustrava nas patas do cavalo de um general. Alimentávamos outros sonhos, rezávamos por Tancredo morto, acendíamos novos fachos, novas lutas. Ficávamos nas ruas ouvindo choro e rock, escutando as histórias de quem chegava.

Uma amiga vinda do Recife contou o que mais a encantou: “ter água no chuveiro todas as manhãs”. E a gente entendia que nos pequenos prazeres se escondem o sentido da vida e o impulso para as grandes lutas. Somos berço de três torrentes: São Francisco, Paraná, Tocantins.

E superamos uma crise hídrica bebendo o leite do Paranoá. Trabalhando e reunindo narrativas, segui.

Pernambucano, numa composição bem brasileira, casei com uma gaúcha. Tivemos filhos e neto. Construimos uma casa. Num bar, uma propagandista me pediu para preencher um cadastro: nome, telefone, as coisas de praxe. “O senhor é casado?” “Sim.” “Há quanto tempo?” “Trinta e oito anos.” “Nossa”, espantou-se a moça. Voltei para a cerveja. A moça não entende que o sentido de Brasília é o perene. Aqui, nada passa em vão, nem sequer a gente. Numa conversa, tentei iniciar um assunto: “Quando escolhi morar em Brasília...” “Ninguém escolhe morar em Brasília. Ela é que nos escolhe”, cortou um amigo dado ao misticismo. Eu que não creio, preferi continuar acreditando que um dia escolhi viver aqui.

Há 42 anos vivo entre estes espaços. Mais de dois terços da vida corri pelo Planalto. E sempre achei isso extraordinário. Hoje, percebo que minha história é comum, é a mesma de quase todos que aqui chegaram lá por 1980 e resolveram ficar. E ficando reacenderam as utopias de quem cortou o cerrado em cruz. A quem dizia ser um absurdo construir uma cidade no deserto, Juscelino respondia: “Absurdo é o deserto”.

Vencemos o deserto, mas ele nos deixou sua solidão. Por isso, somos contraditórios. Esperamos a florada do ipê construindo casa nova, contemplamos o pôr do sol preocupados com os afazeres de amanhã. E contamos nossas histórias para provar que temos lirismo e poeira na alma.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A revolução dos asnos

Pudesse um asno falar ou zurrar, ou ainda mais, tecer comentários em “zurrês” sobre política externa e outros assuntos complexos, por certo, estaríamos a muitas léguas da terra dos homens, onde a realidade queima como fogo. Nesse caso, estaríamos completamente imersos no mundo das fábulas infantis, em que os animais conseguem não só falar corretamente, como, ainda por cima, dar lições de moral e de ética para seus ouvintes. Com todo respeito aos nossos irmãos quadrúpedes jumentos, jegues, burros, mulas e aparentados, esses seres que trabalham de graça são mansos, e não fazem pirraça.

Mas, hoje em dia, tornou-se comum ouvir dos seres humanos, ditos racionais, frases e até pensamentos inteiros que, no crivo arrojado da razão, se mostram como verdadeiras asneiras, zurradas, solenemente, aos quatro ventos, como se fossem sentenças primorosas e recheadas do mais alto grau de sabedoria e expertise. O mais complicado é ter de ouvir tais parvoíces diretamente de quem, pelo altíssimo cargo que almeja nas próximas eleições, jamais deveria dizer. Ainda mais para a sempre astuta imprensa internacional, que não se cansa de armar arapucas para capturar políticos do terceiro mundo. Mais do que uma metamorfose ambulante, Lula, talvez pela idade e cansaço, desiludido com seus correligionários e desencantado da vida, vai, a cada pronunciamento que participa, atingindo um patamar mais elevado de estultices.

“Fecha a boca Magda”, deveriam gritar seus assessores, diante dos seguidos vexames. Uma coisa é falar baboseiras aqui dentro e para sua claque. Outra, muito diferente, é dizê-las para aquela parcela do público estrangeiro que lê e pensa no que leu. Lula envergonha os brasileiros que pensam. Mas já que foi reinventado pelos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), com a tarefa exclusiva de voltar a subir, com toda a sua turma, a rampa do Palácio do Planalto, é preciso ouvi-lo em suas diatribes destrambelhadas, mesmo que diga que o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, também tenha culpa pela invasão de seu país pelas tropas russas.

Talvez, dentro do cemitério de neurônios que é a cabeça de Lula, esse fato se deu porque não teria Zelensky convidado o criminoso de guerra, Putin, para tomar uma ou mais cervejas na mesa do bar e discutir as diferenças. Temos bons aqueles em que os eleitores lançavam animais de verdade nas disputas eleitorais. Depois do cavalo Incitatus, lançado para o Senado na Roma antiga, quem não se lembra do rinoceronte Cacareco, que, em disputa para a Câmara dos Vereadores de São Paulo, conseguiu a façanha de obter mais de 100 mil votos.

Temos mais animados aqueles em que o gato Stubbs era eleito para governar a cidade de Talkeetna, nos Estados Unidos, em 1997. Ou a quase eleição do Ouriço para o parlamento da Nova Zelândia. Melhor ainda, foi a eleição da mula Boston Curtis para cargo público na cidade de Milton, nos EUA em 1938. No Rio de Janeiro, em 1988, os integrantes lançaram o chimpanzé Tião para a prefeitura da cidade, obtendo o terceiro lugar em votação. Houvesse, entre nós, a possibilidade real de uma revolução dos bichos, como escreveu George Orwell em 1945, em que criticava a União Soviética sob Stalin, não se sabe, ao certo se os animais saberiam conduzir o humano como mais humanidade do que eles têm conduzido os animais até aqui. Mas, uma coisa é certa: animais como os asnos jamais diriam asneiras, capazes de envergonhar seus semelhantes.

» A frase que foi pronunciada

“A ignorância de um eleitor em uma democracia prejudica a segurança de todos.”

John F. Kennedy

O outro lado

» Em relação às colocações das Forças Armadas sobre as urnas ao TSE, o tribunal esclarece que “cabe destacar que são apenas pedidos de informações, para compreender o funcionamento do sistema eletrônico de votação, sem qualquer comentário ou juízo de valor sobre segurança ou vulnerabilidades. As declarações que têm sido veiculadas não correspondem aos fatos nem fazem qualquer sentido”. Sendo assim, a população aguarda as respostas.

Revisão, já

» Vicente Limongi traduz as palavras dos moradores do DF. O valor do IPTU subiu de forma desigual aos salários. Deve ter havido algum erro no processamento de dados. Limongi protesta quanto ao valor pago: “Como pagador de impostos, não sou beneficiado em rigorosamente nada. A insegurança é brutal. Mesmo com alarme. O asfalto é remendado ou esburacado. A luz costuma falhar. Demora a voltar. As calçadas são sujas e quebradas. O matagal e a sujeira tomam conta dos lotes. O transporte público é tenebroso. A polícia não contém a barulheira das festas intermináveis. Quando chove, transbordam os bueiros da pista principal, alagando os gramados”.

» História de Brasília

O pessoal da Cidade Livre que se mudou para a Asa Norte está vivendo momentos difíceis. A Prefeitura localizou as residências numa quadra que, posteriormente, foi vendida ao Exército. (Publicada em 23/2/1962)